

PESQUISA QUALITATIVA: SIGNIFICADOS E A RAZÃO QUE A SUSTENTA

Maria Aparecida Vigginani Bicudo¹
Professora Titular
Unesp – Universidade Estadual Paulista
Rio Claro – Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é expor o significado de pesquisa e abordar as questões de fundo que estão subjacentes às modalidades de pesquisa positivista e aquela que se desenvolve no período contemporâneo, do ponto de vista de concepção de conhecimento e de realidade. São apontados os valores que servem de norte para essas modalidades e trabalhadas as noções de rigor nelas presentes. São apontadas as concepções de história e a de linguagem como significativas para as modalidades de pesquisa que trabalham qualitativamente.

Palavras-chave: pesquisa, rigor, história, linguagem.

Abstract

The aim of this work is to present the meaning of “research” and to approach the underlying questions to the positivistic conception of Science and to the conceptions of knowledge that evolved in the Contemporary Age, from the ontological and epistemological perspectives. The values which guide the investigative procedures of both conceptions as well as its meaning of rigour are

¹ Professora do Programa de Pós Graduação em Educação Matemática
– UNESP- Rio Claro. Presidente da SE&PQ Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos (www.sepq.org.br)
E-mail: mariabicudo@uol.com.br

highlighted. The conceptions of History and Language as being at the core of the qualitative research are emphasized.

Key words: Research, rigour, History, Language.

• Significado de pesquisa

O significado de pesquisa que para mim faz mais sentido é aquele mencionado por Joel Martins inúmeras vezes em suas aulas, palestras e conferências.

Fala-nos o mestre que pesquisar quer dizer ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando suas múltiplas dimensões e andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentido, mais dimensões, e outra vez mais... A interrogação mantém-se viva, pois a compreensão do que se interroga nunca se esgota.

Essa sua compreensão fez-me pensar durante muito tempo. Ela começou a fazer sentido para mim quando, ainda na esteira de suas exposições, enfoquei o significado da palavra pesquisa. Na língua latina, tem raízes no verbo *perquiro*, *is, ere, sivi, situm* cuja tradução (DICIONÁRIO, 2001, p.503) é apresentada como 1. Procurar por toda a parte, procurar cuidadosamente, 2. Informar-se com cuidado, indagar bem, perguntar, inquerir. Na língua espanhola a denominação corrente é *investigación*. Na portuguesa *pesquisar*. Na francesa *recherche*, onde o *re* quer dizer de novo, *cherche*, busca, procura. Portanto, buscar ou procurar de novo. Na língua inglesa *research* que pode ser compreendida ao modo da compreensão daquela palavra francesa.

Note-se que se destacam nesses significados *andar em torno, nova e novamente; interrogar, perseguir, buscar; com cuidado*. Não aparece a palavra *problema*. Por quê? O que isso significa? Essas perguntas solicitam que se busquem os sentidos de interrogação e de problema, procurando-se visualizar os desdobramentos possíveis que os significados atribuídos a essas denominações trazem para a postura investigativa.

Interrogar (HOUAISS, 2001, p.1637) quer dizer fazer perguntas a alguém ou a si mesmo, indagar e indagar-se, perguntar e perguntar-se; apresentar questões acadêmicas e outros que a mim não pareceram relevantes para os propósitos deste texto. O substantivo *interrogação* traz também os significados de dúvida e incerteza.

A interrogação é uma pergunta dirigida a algo que se quer saber. É fruto de uma dúvida, de uma incerteza em relação ao que se conhece ou ao que é tido como dado, como certo. Ou ainda pode ser incerteza em relação ao vivido no cotidiano, quando a organização posta ou os acertos mantidos começam a não fazer sentido. O germe da interrogação está no desconforto sentido. Borheim (BORHEIM, 1973) fala brilhantemente da passagem da certeza ingênua para o estado de dúvida, como sendo um momento crucial para a possibilidade do pensar filosófico. *Possibilidade*, pois se pode ficar preso à atitude céptica, sem transcendê-la o que se dá ao caminhar-se em direção à compreensão daquilo do que se duvida, abrindo horizonte para a interrogação.

O caminho que liga o *desconforto sentido* à *interrogação* é longo. Para tanto, há que se manter nele, indagando, buscando esclarecer o percebido como conflitante. Há que se proceder a estudos e análises disso que se percebe até que a interrogação vá tomando forma e surja de modo estonteantemente claro.

Coloca-se, então, a interrogação sob foco e busca-se compreender o que a interrogação interroga. Heidegger, no *Introdução à Metafísica* (HEIDEGGER, 1987), faz um ensaio profundo sobre o que é interrogado na interrogação, colocando sob foco a interrogação *por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?* Esse *por que* indaga pelo fundo em que a liberdade do indagado e do modo pelo qual ele é interrogado se movimentam.

Esse é um exercício crucial ao investigador. Colocar em evidência sua interrogação e atento e de modo lúcido buscar pelo que pergunta - pelo que quer saber, pelo que interroga - é um movimento que o auxilia a antever o caminho a ser trilhado na investigação. Ou seja, a visualizar os procedimentos apropriados à característica do *quê* pelo que indaga e de suas modalidades de contextualização e de exposição cultural.

É em torno dessa interrogação que o investigador se movimenta, uma e muitas vezes a ela retornando com novos enfoques e em outras dimensões

visualizadas e aguardando por investigações. Esse processo de busca, que clama por rigor, uma vez que científica, expõe clarezas que desvelam, descobrem, aspectos até então obscuros da realidade construída nas relações mundanas. Subjacente a essa idéia encontra-se a concepção de verdade como evidência e como manifestação.

A interrogação é diferente da noção de *problema*. Este, tomado no contexto da pesquisa científica, é exposto de tal modo que antecipa uma solução possível, ainda que não específica ou determinada, pois está a solicitar por estudos e raciocínios encadeados logicamente que levem a respostas possíveis. Um problema resolvido sabe-se, não significa que esteja resolvido de uma vez por todas, pois suas soluções são alternativas. Subjacente à idéia de problema, está aquela de uma aproximação com a realidade, que traz consigo a concepção de verdade como adequação e como correspondência. Adequação entre o encontrado, mediante investigação rigorosa, e a realidade, tomada como objetivamente dada.

O enunciado de um problema define o que é procurado. Os raciocínios desencadeados seguem o rigor presente nas teorias de lógicos contemporâneos, de modo que junto à verdade buscada encontram-se os critérios de verdade. Alfred Tarski, por exemplo, ao expor o significado de enunciado diz que um enunciado é verdadeiro se designa um estado de coisa existente.

• **A questão do rigor na pesquisa**

Rigor, no âmbito dos significados presentes no nosso cotidiano, leva à idéia de severidade de princípios; persistência e determinação na realização de empreendimentos, em tomadas de decisão; exatidão. No contexto da pesquisa que procede conforme a filosofia positivista, rigor carrega consigo o significado de *exatidão* e a observância restrita dos valores *neutralidade e objetividade*.

Esses valores – exatidão, neutralidade e objetividade – encontram-se no âmago do pensar da ciência moderna que, de um ponto de vista histórico, pode ser compreendida como originando-se com Galileu, quando este finca os alicerces da Física. Ciência essa que passa a ser tomada como modelo de ciência, exatas, biológicas e humanas.

Rigor foi tomado de modo imediato como exatidão, sem uma análise

reflexiva dos significados possíveis que essa palavra traz em sua tradição. Exatidão foi entendida como quantificação e os cálculos que dela podem ser desdobrados. Em casos onde a quantificação ou mensuração tornou-se problemática, porque o objeto alvo da quantificação não estava definido de maneira objetiva, mostrando-se em sua realidade concreta, a ciência moderna desenvolveu a noção de *probabilidade estatística*, assegurando uma exatidão provável, porém mensurável, de que a resposta obtida seria estatisticamente aceitável dentro de parâmetros numericamente definidos.

As ciências humanas buscaram seguir esse modelo. As ciências da educação também buscaram pela exatidão, neutralidade e objetividade. Quando, na época contemporânea, especificamente após a década de 1960, há uma crítica ao *rigor científico* e as ciências humanas e as da educação buscam modos alternativos de procedimento de pesquisa, assiste-se a um movimento de repúdio ao rigor. Os que aceitam essa crítica passam a fazer pesquisa não quantitativa. Novamente sem interrogar *que rigor é esse?* Do que se fala, quando se fala em rigor?

Rigor exprime o cuidado que se tem ao proceder à busca pelo interrogado ou pela solução do problema proposto. Esse não é um cuidado subjetivo, carregado de aspectos emocionais. Mas é um cuidado que busca a atenção constante do pesquisador para proceder de modo lúcido, analisando os passos que dá em sua trajetória, conseguindo clareza dos seus “por quês” e “comos”, o que significa, dos fundamentos de seu modo de investigar e da visão de que modalidade de conhecimento sobre o indagado está construindo, ao proceder do modo pelo qual está encaminhando sua investigação. **Rigor** pode carregar consigo critérios diferentes, mas sempre há critérios passíveis de serem expostos e justificados no contexto da tradição do pensar científico/filosófico, artístico. Esses critérios, por sua vez, não estão circunscritos à esfera epistemológica e metodológica apenas, mas carregam visões de mundo e de realidade, portanto, concepções de conhecimento e de verdade.

Conforme meu entendimento, isso tem passado despercebido por muitos pesquisadores que se afastaram do modelo da ciência positivista de fazer pesquisa e buscaram outras modalidades de pesquisar, em geral de cunho qualitativo.

• Por que e como a Física se torna o modelo de ciência na época moderna.

Para expor esse raciocínio, vou valer-me do trabalho de Edmund Husserl, onde ele explica como ocorreu a matematização da natureza (HUSSERL, 1970). Na base dessa matematização encontra-se o significado de *exatidão*. Esse autor reconstrói o caminho efetuado por Galileu, analisando o que foi concebido de modo ingênuo, ou seja, sem crítica. Expõe como a exatidão é obtida, permanecendo como o solo fértil para a Física moderna efetuar suas pesquisas, tornando-se modelo das ciências.

Galileu tomou como óbvio a geometria pura, que estava à disposição para ser estudada, desenvolvida e aplicada desde a época de Euclides, século III AC. Essa geometria trabalha com espaço e formas espaciais, mas não diferencia *espaço* de *formas espaciais*. Ambos são tomados em um mesmo sentido. Para entender a visão de matematização implícita à Física Moderna, é preciso que se tenha essa distinção sob foco. À guisa de clareza, é interessante analisar uma possibilidade de construção da geometria.

Nessa construção, na dimensão do real vivido, vivenciam-se experiências com corpos que, no cotidiano, são imperfeitos e experienciados na sua concretude e modo de estar no mundo onde se está. Husserl concebe a construção da idealidade implícita nas formas perfeitas como sendo produto de atos cognitivos, da fantasia e de aperfeiçoamento técnico de formas, características do modo de o homem ser no mundo. O interesse pelo aperfeiçoamento técnico possibilita a transformação dos corpos imperfeitos percebidos na experiência vivida, permitindo-lhes tornarem-se perfeitos, mas agora em outra dimensão ou nível de experiência, mais abstrata. Desse movimento de abstração e de aperfeiçoamento técnico contínuo faz parte inerente sua expressão, por meio da linguagem. A linguagem, em qualquer de suas modalidades organiza, retém e comunica o que foi aperfeiçoado, fazendo com que seja socializado e partilhado pelos membros da comunidade. Nesse processo, as formas ideais vão se firmando histórica e culturalmente e passam a fazer parte do que está pronto à mão no mundo para ser usado, aperfeiçoado, compreendido, analisado, criticado em um movimento contínuo de apropriações. Dessa maneira, as formas tornam-se ferramentas adquiríveis, passíveis de serem usadas habitualmente, podendo sempre ser aplicadas a algo novo.

Husserl afirma que nessa práxis as formas mostram-se passíveis à perfeição. E, ainda, que o fazer do geômetra consiste em estar constantemente comprometido em determinar e construir novas formas a partir das já determinadas.

Como todas as realizações culturais, as formas permanecem objetivamente, podendo ser conhecidas e aplicadas, sem exigir que seu significado primeiro seja compreendido. Ou seja, aquele do processo que envolve abstração e aperfeiçoamento constante das formas dos corpos experienciados em sua imperfeição.

É dessa maneira que a aquisição efetuada na práxis matemática pode ser trabalhada, gerando possibilidades de manipulação mental das formas e de cálculos, sem que aquele significado primeiro tenha sido compreendido.

Nessa práxis matemática obtém-se a *exatidão*, que é negada à prática empírica. Nessa práxis as formas ideais podem ser determinadas na identidade absoluta, como substratos de qualidades absolutamente idênticas e metódicas e univocamente determináveis. Isso é possível para formas particulares e também universais, aplicando-se a elas inclusive operações universais.

A metodologia da geometria, ao proceder como o acima exposto, em uma análise retrospectiva, aponta para a metodologia da determinação por meio de mensuração em geral. Inicialmente de modo primitivo, simples, e, depois, mais elaborado e sofisticado, tendendo à perfeição. Compreende-se, então, como a prática empírica de mensuração, imperfeita, foi idealizada e transformada em um modo geométrico de pensar, tornando-se básica à Geometria com suas formas puras.

Galileu, situado historicamente na passagem da Idade Média para a Moderna, recebe essa Geometria, e respectivas mensuração e determinação objetiva dela decorrentes, já bem adiantada e aplicável à assuntos terrestres e astronômicos. Ele não a questiona, não busca compreender seus significados primeiros.

Aqui ocorre uma inversão: inicialmente a mensuração empírica e as formas imperfeitas dos corpos percebidos na cotidianidade do mundo vivido solicitam por aperfeiçoamento, agora a geometria é tomada como um meio para construir uma metodologia de mensuração para formas objetivamente determináveis e que se aproximassem constantemente dos dados empíricos do mundo sensível.

No primeiro caso, os corpos experienciados não apresentam formas perfeitas e são mutáveis. No segundo, está-se em situação de perfeição e de imutabilidade. É por isso que ao empregar a metodologia do fazer geométrico, pode-se obter uma verdade idêntica, não relativa à intuição sensível, à cor, ao som, odor, etc.

Assim, a Geometria, agora ideal e separada do mundo, pois tomada na pureza conseguida por meio de abstrações e aperfeiçoamentos técnicos contínuos e sucessivos, torna-se Geometria Aplicada e, em certo aspecto, torna-se um método geral do conhecimento, em geral.

Ao aplicar a Geometria à Física, Galileu não pode obter uma matematização direta dos corpos do mundo físico, que, em virtude de suas gradações qualitativas não são passíveis de serem tratados diretamente como as próprias formas. Entretanto, obtém a matematização indireta ao conceber os corpos físicos como manifestações do mundo objetivo do espaço e ao relacionar a mensuração, efetuada em unidades de medida ou em magnitudes, às idealidades. É nesse sentido que a mensuração se torna exata.

• **Objetividade, neutralidade e exatidão: valores assumidos pela ciência moderna.**

A ciência moderna que se instaura primordialmente com os trabalhos de Galileu, Bacon, Descartes e Newton tem por meta buscar por procedimentos que levem a *pensamentos claros*, pautando-se em dados objetivos, passíveis de serem tratados na dimensão da *res-extensa*.

Entendo ser de valia analisar o significado atribuído ao termo *objetivo*, para que se possa encaminhar, posteriormente a questão enfrentada pela pesquisa qualitativa.

Na língua portuguesa, o significado de objetivo aparece como sendo o que está no campo da experiência sensível, independente do pensamento individual e que é perceptível por todos os observadores. Traz consigo os significados de externo à consciência e dela independente. Ainda, é entendida como qualquer realidade investigada por um ato cognitivo, apreendida pela percepção ou pelo pensamento e que está situada em uma dimensão exterior à subjetividade cognoscente (HOUAISS, 2001, p.2041) Esses significados são da tradição do modo de pensar do mundo ocidental e estão presentes em teorias

filosóficas e científicas. O caráter de objetivo é atribuído a *qualquer doutrina que admita que existam objetos (significados, conceitos, verdades, valores, normas, etc.) válidos independentemente do sujeito, isto é, das crenças e das opiniões dos diversos sujeitos* (ABBAGNANO, 1962, p.692).

Objetivo refere-se a objeto, cujo significado é muito geral, mas, na maioria das vezes corresponde ao significado de coisa. A incerteza que se põe é como entender ou o que entender por *coisa*. Esta pode significar o fim a que se tende, a qualidade ou a realidade percebida, o significado expresso ou o conceito pensado. Na linguagem filosófica e na comum, objeto há que ser seguido de uma validade particular, como: real, externo, independente, etc. Volta-se, portanto, à concepção da objetividade do objeto, ou seja, ao modo pelo qual o objeto existe, que aparece como real, externo ao sujeito, passível de ser observado por todos.

Quando a ciência moderna assume o valor *objetividade* ela busca pelo conhecimento aceito como válido, do que é objetivo, ou seja, passível de ser observado por qualquer observador, agora entendido como competente, independentemente de opiniões subjetivas e, portanto, particulares. A validade buscada pela ciência, pautada na concepção da *res-extensa*, encontrou sustentação na idéia de *exatidão*. A concepção de exatidão, por sua vez, está ligada àquela da matematização indireta da natureza, efetuada por Galileu, e na qual a Física Moderna se apóia. O modo de obter a exatidão é empregar a mensuração efetuada, não por meio da contagem ou medida de corpos encontrados na sua mutabilidade e imperfeição do cotidiano, mas pela correspondência às suas idealidades.

Nesse aspecto a ciência moderna assume o corte entre conhecimento do cotidiano, ou do senso comum, e conhecimento científico. O valor *objetividade* traz consigo, portanto, tanto o *significado de externo ao sujeito* como o de *exatidão*.

Neutralidade decorre da compreensão de objetividade. No Houaiss aparece como *condição daquele que permanece neutro, imparcialidade, objetividade*. Significados aqui escolhidos, entre os diversos nele mencionados, pela relevância em relação ao que está sendo discutido. Nesse mesmo dicionário, *neutro* quer dizer, entre muitas indicações, *imparcial, que avalia com imparcialidade*.

Ora, a ciência moderna almeja que o cientista seja um observador imparcial dos objetos, passíveis de serem observados por qualquer um, uma vez que é exterior à consciência e aos atos cognitivos de um sujeito. Enquanto os sujeitos comuns podem emitir pareceres conforme suas crenças, estados de ânimo, etc., o cientista há que ser neutro em relação às essas influências. Uma forma de garantir a neutralidade é isentar-se do conhecimento do senso comum e das ideologias aí reinantes e embasar-se nas modalidades de exatidão.

Esses valores levam a ciência moderna a ser definida como quantitativas, no âmbito de uma compreensão generalizada. Em nossos dias, ser quantitativa passa a ser o oposto de qualitativa, também na dimensão de uma compreensão generalizada e ingênua. Entretanto, se buscarmos nexos entre a idéia da matematização indireta da natureza, a geometria euclidiana e a idéia de geometria qualitativa exposta em *O Valor da Ciência* (POINCARÉ, 1995), a questão não se mostra tão evidente como à primeira vista parece ser.

Platão e Aristóteles já concebem a quantidade como possibilidade de medida². *Platão afirmou que a quantidade está entre o ilimitado e a unidade e que só ela é objeto do saber (Fil. 17a, 18b). Aristóteles definiu a quantidade como o que divisível em partes determinadas ou determináveis.* (ABBAGNANO, 1962, p.786).

Em Aristóteles já se encontra um rigor para diferenciar quantidade de qualidade. A quantidade numerável é uma pluralidade divisível em partes discretas. Uma qualidade comensurável define como uma grandeza divisível em partes contínuas, em uma duas ou três dimensões. Conforme consta no Abbagnano, número é definido por esse autor como uma pluralidade completa; uma linha como um comprimento completo; um plano como uma extensão completa; um corpo como uma profundidade (Met. V, 13,1027 a 2).

No campo da ciência Matemática, a *quantidade* foi tomada como sinônimo de grandeza, termo utilizado de maneira específica, visando a um campo de indagação e dependente de escolha apropriada de medida. Já o significado de *qualidade* é explicado em termos do vocabulário comum, onde ela diz de uma propriedade, atributo ou condição das coisas ou pessoas capaz de distingui-las umas das outras e de lhes determinar a natureza.

² Uma parte desta passagem sobre quantidade e qualidade foi publicada em Bicudo, 2004.

Ao abordar *a família qualidade e quantidade* Aristóteles definiu quatro membros. Conforme consta do Dicionário de filosofia de Abbagnano, essa ainda é a melhor forma de expor-se os significados do conceito de qualidade. Importante dizer que essa distinção efetuada por Aristóteles, que remonta a Demócrito, e é elaborada na filosofia empiricista inglesa, na época moderna, por Locke, ainda contribui, hoje, para a explicitação do termo.

Aristóteles distingue quatro membros concernentes à qualidade e quantidade:

Em primeiro lugar entende-se por qualidade os hábitos e as disposições que se distinguem um do outro, porque o hábito é mais estável e duradouro que a disposição. São hábitos: a temperança, a ciência e em geral as virtudes, são disposições a saúde, a doença, o calor, o frio, etc. (...)

A segunda espécie de qualidade concerne à capacidade ou incapacidade natural. Nesse sentido, fala-se em pugilistas, corredores, pessoas sadias, pessoas doente, etc. (...)

O terceiro gênero de qualidade é constituído pelas afeições³ e suas conseqüências; estas são as qualidades sensíveis próprias e verdadeiras (cores, sons, sabores, etc.). (...)

A quarta espécie, é constituída pelas formas ou determinações geométricas, por exemplo, pela figura (quadrado, círculo, etc.) ou pela forma (retilínea, curvilínea) (ABBAGNANO, 1962, p.784).

Abbagnano (1962, p.784) afirma que pouco ou nada foi acrescentando, no curso ulterior da história da filosofia, a essa distinção efetuada por Aristóteles. Elimina o que é devido à conexão dessas especificações com o tratado de Metafísica desse filósofo e simplifica os quatro grupos e caracteriza-os como:

Determinações disposicionais, que compreendem disposições, hábitos, costumes, capacidades, faculdades, virtudes, tendências ou qualquer forma que se queiram chamar as determinações constituídas pela possibilidade do objeto;

³ O termo afeição está sendo empregado nessa citação como afeccção, isto é, no sentido de ser afetado por (nota da autora).

Determinações sensíveis, isto é, as determinações simples ou complexas que são fornecidas por instrumentos orgânicos, cores, sabores, sons, etc.

Determinações comensuráveis, isto é, as determinações que podem ser submetidas a métodos objetivos de medida: número, extensão, figura, movimento, etc.

As duas últimas determinações são as que tradicionalmente aparecem no discurso filosófico como *qualidades primárias e secundárias*. Remontam à Demócrito, como já anteriormente mencionado, foram retomadas por vários pensadores e difundidas por Locke (BRÉHIER, 1962) As *primárias ou primeiras* são as propriedades geométricas e mecânicas dos corpos, consideradas inseparáveis do próprio conceito de corpo como, por exemplo, a extensão, a impenetrabilidade. As secundárias são as que, por abstração, podem ser suprimidas sem que se destrua o conceito de corpo, como por exemplo, o peso, a cor, o sabor, etc. O que as distingue é a possibilidade de, ao subtrair as secundárias, chegando-se às primárias, obter-se o que objetivamente real do corpo estudado. Aqui chega-se à região da busca pertinente à metafísica, que interroga o real. As qualidades primárias, portanto objetivas, são passíveis de serem determinadas comensuravelmente. Às secundárias cabem determinações sensíveis, portanto sujeitas à variação decorrentes de sensações subjetivas.

Nesse contexto, os significados de *rigor* assumidos pela ciência moderna estão envoltos em idéias sobre exatidão e estas encontram nexos com: a idéia de matematização da natureza, como exposta por Husserl a respeito do trabalho de Galileu; com a idéia de comensurabilidade de objetos, a qual tem ligações com a diferenciação entre quantidade e qualidade, que procede de Aristóteles, mas que está bem esclarecida com a distinção efetuada por Locke a respeito de idéias primárias e secundárias; com idéias sobre o que é o real, entendido então como sendo as qualidades primárias, que têm a ver com as concepções de idéias claras, uma vez que elas são passíveis de serem tratadas claramente, pois têm características de comensurabilidade.

Assim, rigor, neutralidade e objetividade caminham juntos e sustentam a razão da ciência moderna, primordialmente da física, da química e da própria

matemática. O modelo que seguem, no seu modo de pesquisar, é bem sucedido, de tal maneira que passa a ser perseguido por todas as regiões de inquérito que almejam determinarem-se, em termos de seu objeto de estudo e método de investigação. As ciências humanas, como a sociologia e a psicologia, ao almejarem serem tratadas como ciência e galgarem a mesma posição das ciências exatas envidam esforços para definirem seus objetos de estudo e delinearem seu método de pesquisa. É desenvolvida uma metodologia que segue a lógica da ciência positivista e cujos critérios de rigor são também pautados na exatidão, ainda que agora embasada em tratamento estatístico.

Qual a relação entre a *exatidão* entendida como decorrente da mensuração correlacionada às idealidades em termos das quais a matematização da natureza repousa? É aquela embasada em dados estatísticos. Sabemos que a concepção de probabilidade desempenha um papel importante nessa diferenciação. Mas de imediato, foram tomadas como sendo a mesma exatidão, apenas com graus de aproximação diferentes da realidade.

• O questionamento da dominância do modelo das ciências exatas

No século XIX começam questionamentos sistemáticos a respeito de as ciências humanas trabalharem com a razão das ciências exatas. Vou determe nas questões e argumentações pertinentes às denominadas ciências do espírito, apontando os principais aspectos que percebo na trama que as envolve.

A palavra espírito aparece em Descartes, em consonância com toda sua teoria, como intelecto ou razão, sendo, inclusive, mencionado como substância. Substância pensante, consciência e intelecto são tomados como sinônimos. Locke usa como sinônimos mente e espírito.

As características que envolvem essas concepções de espírito repousam no entendimento do que é próprio a um indivíduo, enquanto ser pensante e que gera pensamentos claros. Quando no século XIX aparece a classificação das ciências em ciências do espírito ou noológicas e ciências da natureza ou cosmológica, como a proposta por Ampère, as ciências do espírito começam a afirmar-se, mas não significam ciências do espírito enquanto substância pensante, de caráter subjetivo, mas abrange a concepção de espírito como realidade histórica e do mundo dos valores. Esses significados constam da concepção

hegeliana de espírito, onde constam as noções de espírito subjetivo, objetivo e absoluto. A primeira caracteriza o espírito finito, ou seja, a alma, o intelecto e a razão, a segunda o espírito absoluto e a terceira de espírito objetivo. As duas últimas abrangem as instituições fundamentais do mundo humano (direito, moralidade, eticidade), do mundo da arte, da religião e da filosofia. Para Hegel essa três formas de espírito são manifestações da Idéia, por ele entendida como a da razão infinita, e acabam por caracterizar o idealismo romântico, onde o espírito foi identificado com o sujeito absoluto ou universal.

A concepção de espírito entendido como mundo das instituições histórico-sociais é aceita pelos pensadores desse momento histórico, mesmo fora do círculo do idealismo hegeliano. Dilthey assume essa concepção, critica o caráter absoluto e dogmático presente na concepção de espírito de Hegel, e avança em direção ao entendimento *de espírito como a conexão estrutural das unidades vivas que se continua nas comunidades* (ABBAGNANO, 1962, p. 335). Esse mesmo autor concebe as ciências do espírito, diferenciando-as das ciências naturais. Estas visam, segundo ele, ao conhecimento causal do objeto tido como externo ao sujeito. A ciência do espírito, entende, visa a compreender o objeto, que é o homem, olhando-o no fluxo da vida, onde a história (das instituições) assume relevância.

O período que segue dos meados do século XIX à primeira metade do século XX fornece um solo fértil para a sedimentação das concepções que vão ser de grande valia para a pesquisa qualitativa que vem se expandindo, como metodologia de pesquisa, desde a segunda metade do século XX.

Do meu ponto de vista são duas as concepções nucleares a esse contexto e que modificam o modo de conceber a ciência humana, inicialmente, atingindo também as ciências natural e exata. São as concepções de história e de linguagem. Essas duas concepções mudam o cenário da investigação, fazendo com que a hermenêutica seja retomada e redimensionada por uma linha de pensadores que une, falando de alguns autores mais relevantes nesse contexto, Dilthey, Heidegger, Gadamer, Ricoeur.

O que está em jogo na distinção efetuada entre ciências da natureza e ciências do espírito é o modo pelo qual o objeto visado é concebido. No primeiro caso, como objetivo e externo ao sujeito. No segundo, como sendo o próprio sujeito e as manifestações culturais de seu entendimento. A interrogação que

nutre os estudos e debates é concernente à possibilidade de ambas serem pesquisadas do mesmo modo, ou seja, segundo o mesmo critério de rigor e, portanto, os mesmos procedimentos. Os valores presentes à ciência positivista – exatidão, objetividade e neutralidade - passam a ser questionados. Inicialmente em relação às Ciências do Espírito e, posteriormente, também em relação às ciências em geral.

• A investigação qualitativa: procedimentos e visão de mundo e de conhecimento a eles subjacentes.

Permanecendo-se em um nível de procedimentos, a investigação, levada a termo pelas ciências do espírito, pode ser enfocada na história, na dialética homem-mundo e seus aspectos determinantes, nas expressões lingüísticas, no contexto onde as inter-relações homem-mundo-homem, homem-homem ocorrem e no modo pelo qual ocorrem e buscarem-se modos apropriados para investigá-los. É o caso, por exemplo, de análises de conteúdo, análises hermenêuticas, estudos etnográficos, estudos das representações simbólicas, etc. O ponto da interrogação posta, mostrando uma dúvida pairando sobre esses modos de investigação, é relativo ao como analisar os dados obtidos, de maneira que se proceda rigorosamente. Muitas correntes continuaram apelando para recursos oferecidos pela estatística, outras trabalharam com relatos, tomando-os como tal para embasar afirmações importantes na pesquisa efetuada.

Os valores tidos como positivos por essa ciência são participação e engajamento, procedentes em relação à importância das concepções de história e cultura que assumem.

Entretanto, para além das questões de *como proceder e do que enfocar* há uma de fundo e que concerne aos aspectos ontológicos subjacentes ao modo de conceber o objeto de estudo, nas ciências do espírito. Trata-se da questão do sujeito e do nexa estabelecido entre sujeito, mundo, objeto.

Objeto de conhecimento? Como entendê-lo? Sujeito do conhecimento? Como entendê-lo? A psicologia cognitiva tem se desdobrado para entender os processos cognitivos mediante os quais o sujeito do conhecimento gera conhecimento. A sociologia, primordialmente a do conhecimento, tem focado o conhecimento como produto social, cultural, histórico. O materialismo histórico

dialético tem mostrado como o sujeito do conhecimento é determinado pelo contexto histórico que é materialmente constituído pelos produtos culturais. Está-se no centro da trama que envolve a questão do nexos *realidade*, ou do real, e *sujeito*. São aspectos distintos, separados? Nas pesquisas efetuadas no bojo das ciências do espírito, que aos poucos tem sido denominadas de Humanas, envolvendo também artes e filosofia, a separação *sujeito que conhece – realidade* persiste. A ponte que os une é o conceito. Com ele torna-se difícil compreender a questão da história, da vida, do nexos homem-mundo, porque o conceito é produto de relações estabelecidas de modo cognitivo, ainda que os processos sejam explicados tendo em conta o contexto sócio cultural. Ou, se se olhar de outra perspectiva, daquela do contexto histórico-social, e admitir-se que este determina os processos cognitivos, a ligação entre ambos também permanece solicitando explicações. O nó está na separação e, portanto na visão de mundo que assume homem e mundo como separados.

Husserl (1965), ao desenvolver a fenomenologia, entendida como ciência do rigor, coloca em questão a constituição do Eu que pensa, e com isso está abordando a dimensão do espírito subjetivo hegeliano. Porém, diferentemente do afirmado por muitos autores contemporâneos, mediante os processos de redução que efetua, da primeira redução, que é a do mundo, e da segunda redução, que é a do sujeito, não cai na armadilha do sujeito solipsista ou do sujeito universal, como é o caso do sujeito absoluto presente no idealismo romântico de Hegel, mas instaura a ligação imediata homem-mundo. Sua busca é pelo nexos subjetivo-intersubjetivo-objetivo e em sua obra esclarece-o mediante a concepção *de* mundo-vida, percepção, expressão do percebido pela linguagem, empatia, intersubjetividade, comunidade, estrutura lingüística, tradição, história (BICUDO E CAPPELLETTI, 1999).

Para esse autor, homem-mundo estão intrinsecamente ligados não concebendo separação entre ambos, mas, ao contrário, vê uma linha contínua entre o sujeito/mundo/sujeito/mundo...onde mundo é sempre entendido como mundo-vida. Ou seja, como o *onde* em que se está com os outros, todos imersos no contexto histórico e cultural que os renova e renova-se concomitantemente mediante o percebido. Percebido que é expresso pela fala, compreendido pelos co-sujeitos com quem se é no mundo, sedimentado pelas expressões lingüísticas que, por sua vez, carregam outras compreensões historicamente estruturadas e

presentes no mundo-vida (HUSSERL, 1977).

Husserl efetua uma profunda modificação na atitude assumida ao olhar-se para o mundo. E, conforme entendo, é essa modificação que abre caminho para procederem-se pesquisas não positivistas, que estejam coerentes com concepções de mundo assumidas. Trata-se da diferenciação entre *atitude natural* e *atitude fenomenológica*.

Na atitude natural são tomadas como objeto tanto a coisa que se torna objeto para o sujeito, quanto a consciência que opera as relações desse conhecimento. Isso significa que o *eu* e suas experiências subjetivas são assumidas como *coisas em si, como parte do mundo objetivo*. Nesse mundo natural as coisas são entendidas como conceitos positivos distintos, por princípio, dos fenômenos ou das suas manifestações (MOURA, 1989). É representado por imagens ou por signos. A linguagem é tida, nessa visão, como sendo objetivamente dada.

Na atitude fenomenologia a coisa não é tida como sendo em si, pois ela não está além de sua manifestação e, portanto, é relativa à percepção e dependente da consciência; b) a consciência não uma coisa em si, mas é um todo absoluto que tudo abarca. Como abarca: no seu próprio movimento de estender-se para, uma vez que é entendida como intencionalidade cujo significado é tender em uma direção, estender, tender para, abrir, tornar atento.

O significado comumente atribuído à consciência, na amplitude da atitude natural, é o de coisa, recipiente, formadora, parte do mundo. Para a fenomenologia consciência é um conceito chave e é entendida como intencionalidade, como movimento de estender-se a algo... e de abarcá-lo na visão do olhar atento do que se dá à percepção. A pesquisa fenomenológica investiga as manifestações da coisa tal como ela se dá na percepção daquele que percebe e que explicita esse sentir (perceber) pela fala e pela linguagem. A linguagem é compreendida como expressão do percebido e articulado na inteligibilidade, organizando o percebido para o sujeito, para que o sentido se faça para ele, e comunicando o sentido percebido para os outros co-sujeitos parceiros de uma comunidade. A investigação visa à manifestação do percebido, que é exposta pela linguagem, passível de ser compreendida pelo co-sujeito parceiro de uma comunidade, constituindo-se, então, uma zona de intersubjetividade. A partir da repetição do sucesso de comunicações efetuadas

entre sujeitos, plenas de sentido e mediante o uso da linguagem mundana, portanto histórica, constituem-se zonas de objetividade. Agora se tratando de uma objetividade que teve sua origem na subjetividade, mas que a transcendeu na medida que as percepções primeiras foram expressas.

Fechando este item, é importante dizer que a pesquisa qualitativa pode ser efetuada segundo uma atitude natural. Neste caso, os valores engajamento e participação podem ser assumidos, as questões da linguagem e da intersubjetividade podem ser colocadas como relevantes de modo a constituírem-se dados da pesquisa. Porém a cisão homem-mundo está dada desde o início. A participação adquire o aspecto de ligação entre dois objetos separados, a linguagem é tida como representação do que está fora do sujeito cognoscente, ou seja, da realidade, a história é vista como acontecimentos que se dão no mundo, tido como um recipiente onde cabem as coisas, os sujeitos, suas interações, o movimento, os conteúdos pensados. Nesse caso, os relatos históricos, etnográficos, etc., são dados a serem analisados pelo pesquisador. O problema torna-se metodológico e, muitas vezes, recortes de relatos ou de depoimentos são tomados na íntegra, visando a explicar o raciocínio do pesquisador.

Pode-se dar, também, em uma modalidade fenomenológica, segundo a qual homem-mundo sempre já estão ligados. Não há homem sem mundo e mundo sem homem. Isso porque mundo não é entendido como recipiente, mas como *o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas* (MERLEAU-PONTY, 1994, p.6). Ao serem explicitados os significados *de minhas percepções explícitas*, vai-se em direção da compreensão ontológica da realidade compreendida como *criada/construída* (BICUDO, 2000) onde a participação e engajamento são fundantes e onde a linguagem é sempre expressão e comunicação do percebido, compreendido, articulado por sujeitos historicamente situados. Sendo a realidade criada/construída por sujeitos engajados e participantes de contextos históricos, estando esses sujeitos sempre no movimento dessa criação e do que já está tradicionalmente presente ao mundo, tem-se que é impossível a investigação separada do mundo e de seu movimento, dos atos criadores e suas manifestações. Portanto, há que se atentar para as expressões culturais e proceder-se a investigação hermenêutica. A linguagem é assumida como expressão de

entendimentos ao mesmo tempo em que carrega consigo modos de expressar e usos disso que foi expresso, revelando significados presentes à tradição de um povo, as características de uma cultura, a história de sua trajetória. Esses aspectos devem ser considerados na investigação de cunho qualitativo que assume a atitude natural.

Chega-se então à questão da necessidade de atentar-se para os aspectos ontológicos e epistemológicos da pesquisa qualitativa, procurando ir além das grandes categorias presentes nas metodologias de cunho qualitativo, como descrição, intersubjetividade, discurso, linguagem, história dentre outros.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: mestre José, 1962.
- BICUDO, Maria Ap. Viggiani. “A contribuição da fenomenologia à educação”.in Bicudo, M.A.V. & Cappelletti, I. (Orgs.) *Fenomenologia: Uma visão abrangente da Educação*. São Paulo: Olho D’Água, 1999.
- BICUDO, Maria Ap. Viggiani. “Pesquisa Qualitativa e Pesquisa Qualitativa segundo a abordagem fenomenológica”.in Borba; M.C.; Araújo, Jussara de Loiola (orgs.). *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*, Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. *Fenomenologia: Confrontos e Avanços*. São Paulo: Cortez Editora. 2000.
- BORHEIM, Gerd. *Introdução ao Filosofar*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- BRÉHIER, E. *História da Filosofia*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 5ª edición, 1962.
- DICIONÁRIO DE LATIM-PORTUGUÊS*, segunda edição. Porto: Porto Editora, 2001, p.503.
- HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Metafísica*. (tradução de Emmanuel Carneiro Leão). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- HOUAISS, Antonio e outros. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: editora Objetiva. 2001, p.1637
- HUSSERL, Edmund. *Cartesian Meditations: an introduction to phenomenology*. Netherlands: Martinus Nyhoff, 1977.

Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos

HUSSERL, Edmund. *Phenomenology and Crisis of Philosophy*. New York: Harper Torchbooks, 1965.

HUSSERL, Edmund. *The Crisis of European Sciences*. Evanston: Northwestern University Press, 1970.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOURA, Carlos Roberto. *Crítica da Razão fenomenológica*. São Paulo: Nova Stella-EDUSP, 1989.

POINCARÉ, Henri. *O valor da ciência*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.